

Atendimento piora e carioca não confia mais nos médicos

ELENILCE BOTTARI

Uma nova síndrome abateu-se sobre o carioca. Ela se manifesta através de crises de desconfiança, até de desespero, e eventualmente descamba para a violência. A doença é a deterioração das relações entre médicos e pacientes — e corre o risco de se transformar numa guerra em que todos serão perdedores. Em pesquisa realizada pelo INFO-GLOBO — Informações de Mercado e Opinião — no dia 21 de março, 66,67 por cento dos entrevistados acreditam que o atendimento por parte dos médicos piorou nos últimos anos. Na Zona Oeste, onde há cerca de um mês os setores de emergência dos hospitais públicos vêm fechando aos domingos porque os médicos faltam aos plantões, a descrença é ainda maior: atinge 92,86 por cento dos entrevistados. A pesquisa ainda mostra que a imagem que se tinha da profissão vem-se desgastando e o paciente não vê mais o médico como um sacerdote. Apenas 16,78 por cento confiam totalmente no profissional, enquanto 49,20 confiam com reservas. Os outros 34,02 por cento confiam muito pouco ou nada.

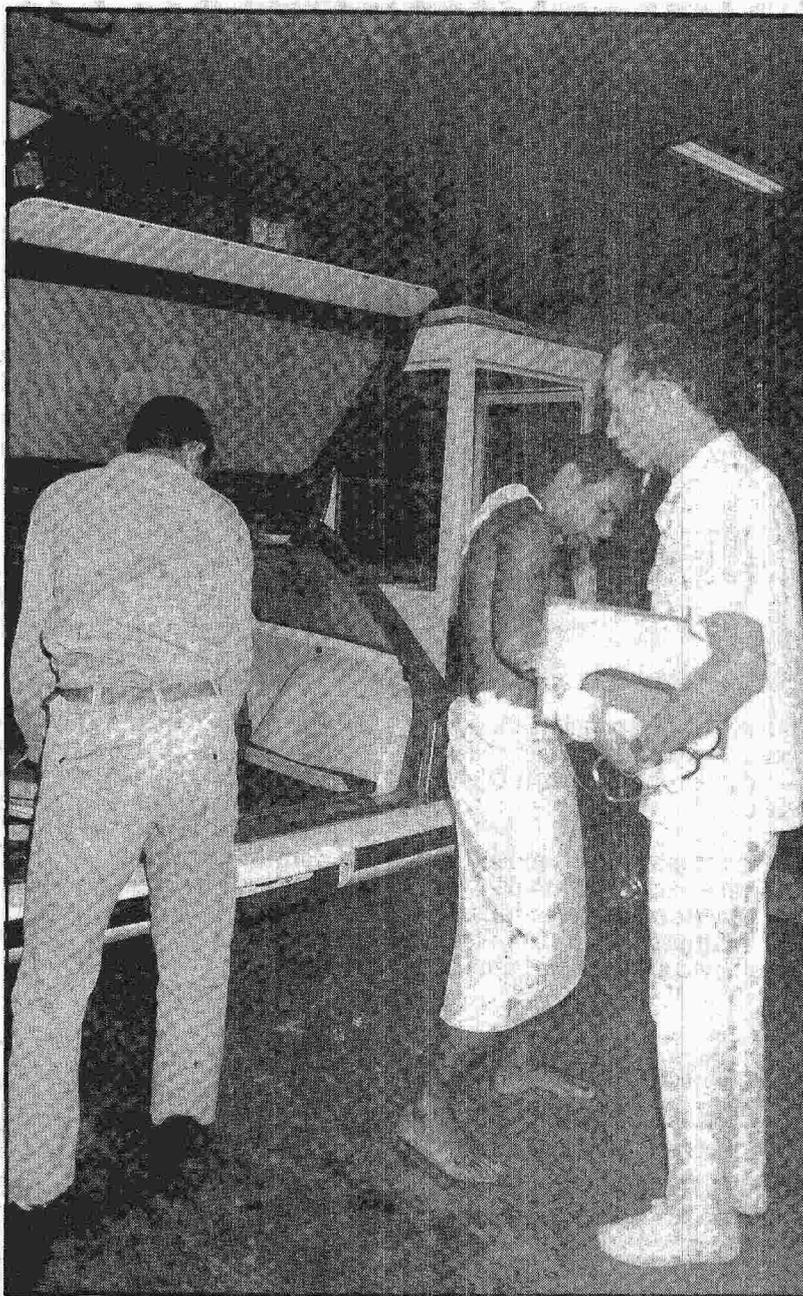
— A medicina deixou de ser um sacerdócio para ser apenas profissão, um meio de sustento — afirma o clínico e nefrologista Jaime Landmann, de 71 anos. O presidente do Cremerj, Laerte Vaz de Mello, vai além. Segundo ele, a falta de investimentos no setor e os baixos salários podem acabar com a visão humanista da profissão, criando um novo perfil de comportamento para os futuros médicos.

— O médico alcança a maturidade aos 40 anos. Aos 30, ele está saindo da residência e começando a formação do caráter profissional. Imagine um jovem em um plantão de emergência sem condições de trabalhar e tendo que decidir, com tão pouca experiência, entre dois pacientes graves, quem irá ser atendido — ou seja, quem irá viver. É uma seleção perversa. Imagine a cabeça desse profissional aos 40 anos. O humanismo tem que ser a principal característica da nossa profissão — conta Laerte.

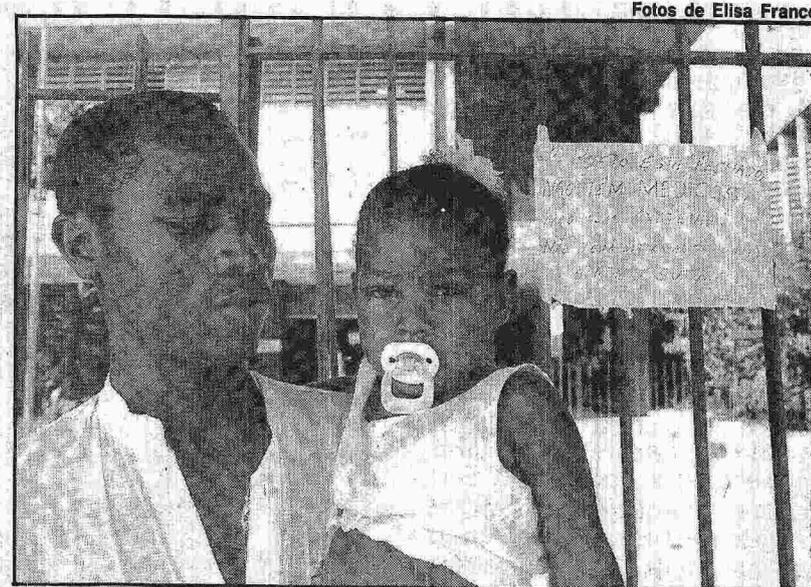
As causas dessa síndrome que arranha a credibilidade da classe, transformando o médico de mocinho em vilão, estão diagnosticadas pelos próprios pacientes: 73,36 por cento dos entrevistados acusam a falta de investimentos do governo e os baixos salários como os maiores responsáveis pela crise.

— Os baixos salários estão corroendo a ética. O médico é também um trabalhador que precisa sustentar a família. Quando se diz que um médico faltou ao plantão para ir à praia é tolice. Eles faltam porque estão ganhando muito mal e estão abandonando o emprego. A crise é tanta que estamos com um índice de sete exonerações por mês — conta o diretor do Hospital Alberto Schweitzer, Irênio Ribeiro Netto. Os salários dos médicos do estado estão em torno de Cr\$ 200 mil. Em defesa da categoria, um dos dois únicos profissionais no plantão do Carlos Chagas no domingo passado, a médica pediatra Beatriz Werneck, só tinha uma explicação para sua presença na unidade de emergência abandonada:

— Só mesmo por amor à profissão.



José Euclides, baleado, deixa o Getúlio Vargas em busca de atendimento



Sara, no colo do pai, diante do portão: sem a injeção de que precisava



Waldecy e Danila: de Caxias ao Souza Aguiar atrás de um neurologista